

CONSULTÓRIO POPULAR

- Aqui respondemos a perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.
- Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Favor enviar selos para a resposta. Correspondência para:

Nildo J. Lübke, c.m.f. — Caixa Postal, 153 - 80.000 — Curitiba, PR.

COMUNHÃO NAS MÃOS



- 1.724** **Assisti à Missa do Papa e vi que davam a Comunhão na boca do fiel. Fiquei muito contente com isso, por que não o fazem em todos os lugares? Creio não ser muito certo a Comunhão nas mãos, pois seria preciso purificá-las para receber o Corpo do Senhor. (N.O.S. Capivari, SP).**

A Comunhão nas mãos: A pedido da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a Santa Sé concedeu para o Brasil (a exemplo de outras nações) a faculdade de poderem os fiéis comungar recebendo a Hóstia em suas próprias mãos. Mas essa faculdade ficou a critério de cada Bispo adotá-la ou não para sua Diocese. Há dioceses em que a Comunhão continua a ser dada na boca. Mesmo para as dioceses (e são a grande maioria) que se servem da faculdade concedida, os fiéis continuam livres de comungar, recebendo a Hóstia na boca ou nas próprias mãos. Na Igreja em que celebro, em todas as Comunhões, há pessoas que continuam comungando na boca: jovens, adultos e pessoas idosas. Em Roma preferiram ficar com o costume antigo. Mas note que nos inícios da Igreja, já os fiéis comungavam recebendo a Hóstia nas próprias mãos e mesmo levando mais de uma Hóstia para suas casas, para comungarem noutros dias por si mesmos.

Quanto a purificar as mãos, é certo que o Padre purifica o cálice e a patena, mas

não as próprias mãos, a não ser em casos especiais. Os fiéis devem ter o cuidado de tomar em sua boca não só a Hóstia mas qualquer fragmento dela claramente visível, que, por acaso, notem, mas não é preciso que se purifiquem as mãos.

ORDEM ROSA CRUZ

- 1.725** **Gostaria de saber algo sobre a Rosa Cruz. Tenho uma filha que está muito animada para entrar nesta ordem. (Graúna, Niterói). Tenho muitos amigos que fazem parte e que me animam a entrar. Sendo católica, será que posso. (M.A.H., Bragança Paulista, SP).**

Por Ordem Rosa Cruz deve-se entender um conjunto de sociedades que apesar de se dizerem originários do Oriente ou do Egito (afirmam por exemplo sua origem remota ao antigo Egito durante a XVIII dinastia, sob o reinado do Faraó Amenhotep IV em 1350 aC), têm seu início no século XVII dC. Em 1615 um escrito anônimo intitulado "Confessio Fraternitatis Rosae Crucis ad Eruditos Europae" divulgou a estória de um tal Christian Rosenkreutz, que teria vivido entre 1378-1484, e que depois de ter viajado pelo Oriente deu início a uma Fraternidade imbuída de sabedoria oriental com o fim de reformar o mundo. A Fraternidade que tomou o nome de seu fundador (Rosenkreutz = Rosa Cruz), ficou latente até o início do século XVII, quando alguns homens lendo o livro ficaram impressionados com a estória nele contida, e procuraram as sedes de tal ordem. Ora, não encontrando (como não poderiam encontrar, pois, não existiam) decidiram fundar algumas sedes, conforme o modelo proposto no livro. Quando isso se deu, o teólogo alemão João Valentin Andreae (+ 1654) declarou-se inventor da estória narrada no livro e reconheceu que tanto o personagem (Christian Rosenkreutz) como a Fraternidade, eram lendas.

A sua intenção ao escrever o livro era o de ridicularizar a mania de maravilhoso e o alquimismo ocultista do seu tempo (quando se procurava transformar os metais e produzir ouro, além de querer descobrir o elixir da vida...).

Entretanto, mesmo assim, a Ordem se propagou. Hoje em dia, existem pelo menos 4 fraternidades rosacruicianas, sendo a principal a Antiga e Mística Ordem Rosa

Cruz (AMORC). Tais fraternidades acreditam na reencarnação, nas proposições astrológicas, curandeirismos, higiene física e mental, panteísmo (a divindade, dizem, o universo e o homem se identificam entre si, constituindo uma só substância). Tais sociedades, além de secretas, não são neutras em matéria religiosa, pois, depois que o sujeito entra numa dessas "fraternidades" fica de tal modo envolvido por ela que enfim a Ordem Rosa Cruz se torna a sua religião.

Um fiel católico não pode aderir à Rosa Cruz por ensinar coisas contrárias à nossa fé. E não convém vender-se por tão pouco. Temos tanta coisa boa em nossa Religião...

OPUS DEI



- 1.726** **Gostaria de saber do que se trata a "OPUS DEI" e onde existem no Brasil alguns centros. (M. A. Salto, SP).**

Fundada em outubro de 1928 por Monsenhor Escrivá Balanguer, a Obra de Deus (em latim "Opus Dei") é uma sociedade de leigos (atualmente alguns de seus membros de tal forma ficam impressionados com o Senhor e seu Evangelho que se ordenam padres), que procuram a perfeição cristã, própria e do alheio. Monsenhor Escrivá, bem antes do Concílio Vaticano II, já sentia a hora dos leigos, que imersos em todas as contingências do existir humano, não podiam deixar nada passar indiferente: tudo pede um critério de fé, um testemunho de arejada fidelidade e um propósito de solidariedade humana e espiritual. Tal obra obteve sucesso na Europa bem como na América. No Brasil temos grupos de Opus Dei em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Curitiba, Campinas, etc. São profissionais liberais, homens e mulheres, bem como jovens que se decidem conhecer melhor o Evangelho e testemunhar em seu ambiente o cristianismo.

DIA APÓS DIA, PEDRA APÓS PEDRA

Onde encontrar a Deus, como falar de seu amor num contexto agitado, cheio de violência, de miséria e de precariedades? Como falar da construção de um "Reino de amor" a um povo faminto ou mesmo descrente, ou ainda a um povo massificado e estimulado ao vício e à defesa de interesses próprios? Um povo que pouco ou nada tem?
...disse-lhes Jesus: "Vinde e vêde." (Jo 1-39).

Nos cultos dominicais, assim dizia o diácono Franco à comunidade reunida no grupo escolar de Ferrazópolis — São Bernardo do Campo:

— Desde que cheguei, estou construindo uma igreja juntamente com vocês.

— Mas cadê essa igreja que o senhor tanto fala? — perguntavam.

E num sorriso, Franco, respondia:

— Esta igreja está dentro da casa de vocês, dentro de vocês.

O diácono referia-se à "igreja humana", construída de gente de boa vontade, cuja preocupação sempre orientou seu trabalho.

A CONSTRUÇÃO

Muitos foram os problemas enfrentados no decorrer da construção desta igreja humana.

A região que forma a paróquia confiada ao Franco sempre apresentou acentuado desequilíbrio social, devido às grandes necessidades financeiras da população e seu conseqüente modo de vida. Os jornais, freqüentemente, noticiam assaltos ou assassinatos ocorridos em alguns focos desta região. Ela é formada, quase que totalmente, por favelas, entremeadas de casas simples, ou de vez em quando, de construções mais arrojadas de grupos habitacionais. A maioria do pessoal das favelas vive em péssimas condições de higiene. Os aglomerados mais próximos dos centros das vilas contam com água, luz e esgoto, porém, os mais distantes: alguns com apenas duas ou três caixas de água fornecidas pela prefeitura e outros não contam com saneamento nenhum.

Em geral as famílias são bastante numerosas "versus" salários baixos. Muita gente desocupada, sem estudos, sem vontade. A conseqüência óbvia deste tipo de vida era e é a juventude voltada ao vício — em álcool, ou mesmo em drogas, jovens usando e abusando do sexo, realizações de "bailinhos" sempre frustrantes, casais separados ou amigados, famílias desfeitas jovens mães solteiras.

E diante de tantas contrariedades surgiu a comunidade de jovens, fruto de um trabalho árduo e diário de contato direto com as famílias.

O diácono, no início, contava ape-

nas com a colaboração de um leigo, Jonas, que já trabalhava ali na catequese para criança. Dentre as muitas dificuldades, o povo não aceitava o diácono, que pelo fato de ser casado, achavam que ele era padre católico brasileiro. E esta dúvida foi se agravando, até que exigiu a presença do, então, bispo diocesano, D. Jorge Marcos de Oliveira, que esclareceu a situação.

Através de meditação do terço e evangelho, as famílias eram visitadas, e em cada uma delas muito a fazer. Não havia diálogo entre pais e filhos, sendo que os pais em geral bebiam, os filhos não trabalhavam. Então Franco encaminhava as pessoas interessadas às várias empresas do município — o Edu, a Lurdes, o Bento, a Vera e tantos outros jovens e adultos. Além disso providenciava os documentos, quase sempre descontrolados.

Antes das celebrações de domingo era feita a reunião com os jovens, onde Franco dava orientações religiosas e também sociais, como se comportar neste ou naquele ambiente, como se relacionar com a comunidade, ou mesmo no trabalho. Todos esses encontros iam sanando as falhas cometidas pela turma. Aliás, como disse Bento, um dos atuais coordenadores da COMUF — Comunidade de Jovens da Ferrazópolis — os violeiros participavam "de fogo" das celebrações, deixando cair os violões e ocasionando situações desagradáveis.

Após cinco meses de reuniões houve um encontro de juventude com 80 participantes, seguido de um para os pais.

Com auxílio da CAVACO — comunidade jovem de Santo André, foram dados muitos cursos de orientação para os jovens: "Psicologia do amor, de conscientização,



Foto da capela — Com o esforço em conjunto de toda a comunidade, foi construída a capela da Vila São José, onde são realizados cultos dominicais, batizados, primeiras comunhões reuniões e encontros.

presente aos nossos olhos o Cenáculo de Jerusalém, local da instituição da Eucaristia. Ao mesmo Cenáculo voltaram os apóstolos depois da Ascensão do Senhor, para poderem, permanecendo em oração com Maria, a Mãe de Cristo, preparar seus corações para receber o Espírito Santo, no momento do nascimento da Igreja.

Também nós viemos aqui para isto, também nós esperamos a descida do Espírito Santo, que nos permitirá ver os caminhos da evangelização, pelos quais a Igreja deve continuar e renascer em nosso grande continente. Também nós, hoje e nos próximos dias, desejamos perseverar na oração com Maria, contigo, Mãe de nosso Senhor e Mestre, mãe da esperança, mãe de Guadalupe.

Neste solene momento, esperamos, eu, João Paulo II, bispo de Roma e papa, junto com meus irmãos no episcopado que representam a Igreja do México e de toda a América Latina, que nos permitas confiar-te e oferecer-te, serva do Senhor, todo o patrimônio do Evangelho, da cruz, da ressurreição, dos quais todos nós somos testemunhas, apóstolos, mestres e bispos.

Mãe, ajuda-nos a ser fiéis dispensadores dos grandes mistérios de Deus. Ajuda-nos a ensinar a verdade que teu Filho anunciou e a difundir o amor, que é o principal mandamento e o primeiro fruto do Espírito Santo. Ajuda-nos a confirmar nossos irmãos na fé, ajuda-nos a despertar a esperança na vida eterna. Ajuda-nos a guardar os grandes tesouros encerrados nas almas do povo de Deus que nos foi confiado.

Nós te oferecemos todo este povo de Deus. Oferecemos-te a Igreja do México e de todo o Continente. Nós a oferecemos como propriedade tua. Tu que penetraste tão fundo nos corações dos fiéis pelo sinal de tua presença, que é tua imagem no Santuário de Guadalupe, continua nesses corações como em tua casa, também no futuro. Queremos que sejas alguém de casa em nossas famílias, em nossas paróquias, missões, dioceses e em todos os povos.

Faze isto por meio da Igreja santa, que, imitando teu exemplo, deseja ser também uma boa mãe, cuida das almas em



CMP 2.1.7.161-2

todas as suas necessidades, anunciando o Evangelho, administrando os sacramentos, salvaguardando a vida das famílias pelo sacramento do matrimônio, reunindo a todos na comunidade eucarística por meio do santo sacramento do altar, acompanhando-os amorosamente desde o berço à entrada na eternidade.

Mãe, desperta nas jovens gerações a disponibilidade para o exclusivo serviço de Deus. Pede para nós abundantes vocações locais para o sacerdócio e a vida consagrada.

Mãe, fortalece a fé de todos os nossos irmãos leigos, para que em cada campo da vida social, profissional, cultural, e política, atuem de acordo com a verdade e a lei que teu filho deu à Humanidade, para levar os homens à salvação eterna e, ao mesmo tempo, para fazer a vida sobre a terra mais humana, mais digna do homem.

A Igreja que desenvolve seu trabalho entre as nações americanas, a Igreja no México, quer servir com todas as suas forças

esta causa sublime com renovado espírito missionário. Mãe, faz que saibamos servi-la na verdade e justiça. Faze que nós sigamos este caminho e conduzamos os demais, sem desviarmos jamais por sendas tortuosas, arrastando os outros.

Nós te oferecemos e te confiamos todos e tudo aquilo que é objeto de nossa responsabilidade pastoral, confiando que estarás conosco e nos ajudarás a realizar o que teu filho nos ordenou (João 2, 5). Nós depositamos em ti confiança ilimitada e com ela, eu, João Paulo II, com todos os meus irmãos no episcopado do México e da América Latina, queremos vincular-te de modo ainda mais forte ao nosso ministério, à Igreja e à vida de nossas nações. Desejamos colocar em tuas mãos nosso futuro, o futuro da evangelização da América Latina.

Rainha dos apóstolos, aceita nossa prontidão para servir sem reserva a causa de teu filho, a causa do Evangelho e a causa da paz, baseada na justiça e no amor entre os homens e entre os povos.

Rainha da paz, salva as nações e os povos de todo o con-

tinente, que tanto confiam em ti, das guerras, do ódio e da subversão. Faze que todos, governantes e súditos, aprendam a viver em paz, se eduquem para a paz, façam o que exige a justiça e o respeito aos direitos de cada homem, para que se consolide a paz.

Aceita esta nossa entrega confiante, serva do senhor. Que tua maternal presença no mistério de Cristo e da Igreja se converta em fonte de alegria e de liberdade para cada um e para todos. Fonte daquela liberdade pela qual "Cristo nos libertou" (Gal 5, 1), e finalmente, fonte daquela paz que o mundo não pode dar, mas que só pode ser dada por Cristo (João 14, 27).

Finalmente, mãe, recordando e confirmando o gesto de meus predecessores Bento XIV e Pio X, que te proclamaram padroeira do México e de toda a América Latina, ofereço-te um diadema em nome de todos os teus filhos mexicanos e latino-americanos, para que os conserves sob tua proteção, guardes sua concórdia na fé e sua fidelidade a Cristo, teu filho. Amém."

Nossa Senhora de Altigracia, da Aparecida, de Lujan e tantos outros, para não fazer uma lista interminável. Com eles, em cada nação e em cada região, os povos latino-americanos se manifestam sua devoção mais profunda e tu os proteges no seu peregrinar de fé.

O papa — que procede de um país em que tuas imagens, especialmente uma, a de Jasna Gora, são também sinal de tua presença na vida da nação, em sua atormentada história — é particularmente sensível a este sinal de tua presença aqui, na vida do povo de Deus no México, em sua história, também era difícil e às vezes até dramática. Contudo, estás igualmente presente na vida de tantos outros povos e nações da América Latina, presidindo e guiando não só seu passado remoto ou recente, senão também o momento atual, com suas incertezas e sombras. Este papa percebe no fundo de seu coração os vínculos particulares que te unem a este povo e vinculam este povo contigo. Este povo, que te chama afetuosamente de *La Morenita*. Este povo — e indiretamente todo este imenso Continente — vive sua

unidade espiritual graças ao fato de que tu és a mãe. Uma mãe que com seu amor, cria, conserva, amplia os espaços de convivência entre seus filhos.

Salve, mãe do México! Salve, Mãe da América Latina!

Nós nos encontramos aqui nesta hora insólita e estupenda da história do mundo. Chegamos a este lugar conscientes de que estamos vivendo um momento crucial. Com esta reunião de bispos desejamos estabelecer união com a precedente conferência do episcopado latino-americano, realizada há dez anos em Medellín, por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional de Bogotá, e da qual participou o papa Paulo VI, de inesquecível memória. Viemos aqui não tanto para tornar a examinar, após dez anos, o mesmo problema, mas para focalizá-lo de uma forma nova, num lugar novo e num momento histórico novo.

Queremos tomar como ponto de partida o que está contido nos documentos e resoluções daquela conferência. E queremos ao mesmo tempo, com base nas experiências des-

tes 10 anos, do desenvolvimento do pensamento e à luz das experiências de toda a Igreja, dar um justo e necessário passo adiante.

A conferência de Medellín foi celebrada logo depois do encerramento do Vaticano II, o Concílio de nosso século, e seu objetivo foi recolher as proposições e conteúdos essenciais do Concílio, para aplicá-los e transformá-los em força orientadora na situação concreta da Igreja latino-americana.

Sem o Concílio não teria sido possível a reunião de Medellín, que se propôs ser um impulso de renovação pastoral, um novo "espírito" em face do futuro, em plena fidelidade eclesial na interpretação dos sinais dos tempos na América Latina. A universalidade evangelizadora estava bem clara e se destaca nos 16 temas discutidos, agrupados em torno de três grandes áreas, que se completam mutuamente: promoção humana, evangelização e crescimento na fé, Igreja visível e suas estruturas.

Com sua opção pelo homem latino-americano visto em sua integridade, com seu amor pre-

ferencial mas não exclusivo pelos pobres, com seu alento a uma libertação integral dos homens e dos povos, Medellín, a Igreja ali presente, foi um despertar de esperança em direção a metas mais cristãs e mais humanas.

Contudo, já se passaram 10 anos. E surgiram interpretações, às vezes contraditórias; nem sempre corretas, nem sempre benéficas para a Igreja. Por isso, a Igreja busca caminhos que lhe permitam compreender mais profundamente e cumprir com mais empenho a missão recebida de Cristo Jesus.

Grande importância teve, a este propósito, as sessões dos Sínodos dos Bispos celebrados nos últimos anos e principalmente o de 1974, dedicado à evangelização, e cujas conclusões foram recolhidas depois, de modo vivo e alentador, pela exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* de Paulo VI.

Encontramo-nos neste lugar santo para iniciar nossos trabalhos e, neste momento, temos

